

A Atuação de Alunas de Magistério em Treinamento de AVD numa APAE: uma Análise Experimental

MARIA LAUDICÊA DOS SANTOS

Orientadora Pedagógica da APAE de Bela Vista do Paraíso-PR

MARIA AMÉLIA ALMEIDA

Professora do Departamento de Educação e do Centro de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Estadual de Londrina

JOSÉ ALOYSEO BZUNECK

Professor do Departamento de Educação e do Centro de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Estadual de Londrina

O desenvolvimento de medidas preventivas e a extensão de programas comunitários de saúde sugerem aos educadores de deficientes mentais a necessidade de um novo enfoque nos seus programas (Clemente, 1984). A ênfase deve ser a do aproveitamento do pessoal das áreas de saúde, educação e lazer que a comunidade oferece a atuarem como monitores para desenvolver, junto aos Deficientes Mentais, um trabalho individualizado sob a orientação e supervisão de profissionais especializados na área. Estudos realizados em vários países mostram que um grande número de pessoas deficientes mentais consegue habilitar-se para o trabalho fora do sistema educacional, implantado graças à dedicação de pessoas não especializadas, ou mesmo de um parente ou

um amigo paciente e dedicado, num sistema de monitoria. Desta forma, grupos de voluntários ou de cidadãos, organizados ou não em associações, podem oferecer atendimento aos indivíduos portadores de Deficiência Mental assistência valiosa, até porque é voluntária e livremente oferecida e não em decorrência de um emprego, mas como expressão de preocupação de um ser humano por outro. Vários trabalhos de pesquisa foram desenvolvidos com o objetivo de treinar diferentes pessoas para desempenhar trabalho junto aos portadores de deficiência mental. Por exemplo, Williams e Rossito¹ desenvolveram o Projeto Famílias, que visava o treinamento de familiares de crianças em fase pré-escolar, com atraso de desenvolvimento e que viviam nas zonas rurais, utilizando o Inventário Portage como roteiro para observação do comportamento da criança. Mais tarde, Almeida, Nunes, Shores e Warren² treinaram três adolescentes freqüentando sétimas e oitavas séries a usar as técnicas de ensino incidental durante as refeições com três crianças deficientes mentais com atraso severo de linguagem. Foi demonstrado que as crianças deficientes mentais muito se beneficiaram com o programa, uma vez que, ao seu final, estavam falando mais espontaneamente, solicitando os utensílios e o alimento desejado, usando inclusive uma linguagem mais elaborada com a inclusão de artigos, adjetivos e preposições. Porém, as pesquisas não se limitam a apenas treinar pessoas normais para trabalhar com pessoas deficientes mentais. Almeida,³ por exemplo, demonstrou que adultos deficientes mentais, quando treinados, podem ensinar linguagem para crianças pré-escolares, com atraso no desenvolvimento, e que tais habilidades podem ser generalizadas para outras crianças e outras situações. Tendo em vista a literatura revisada, o objetivo principal deste trabalho foi treinar alunos do curso de magistério de segundo grau a ensinar alunos deficientes mentais habilidades de vida prática, como, por exemplo, “amarrar sapatos”.

METODOLOGIA

Sujeito

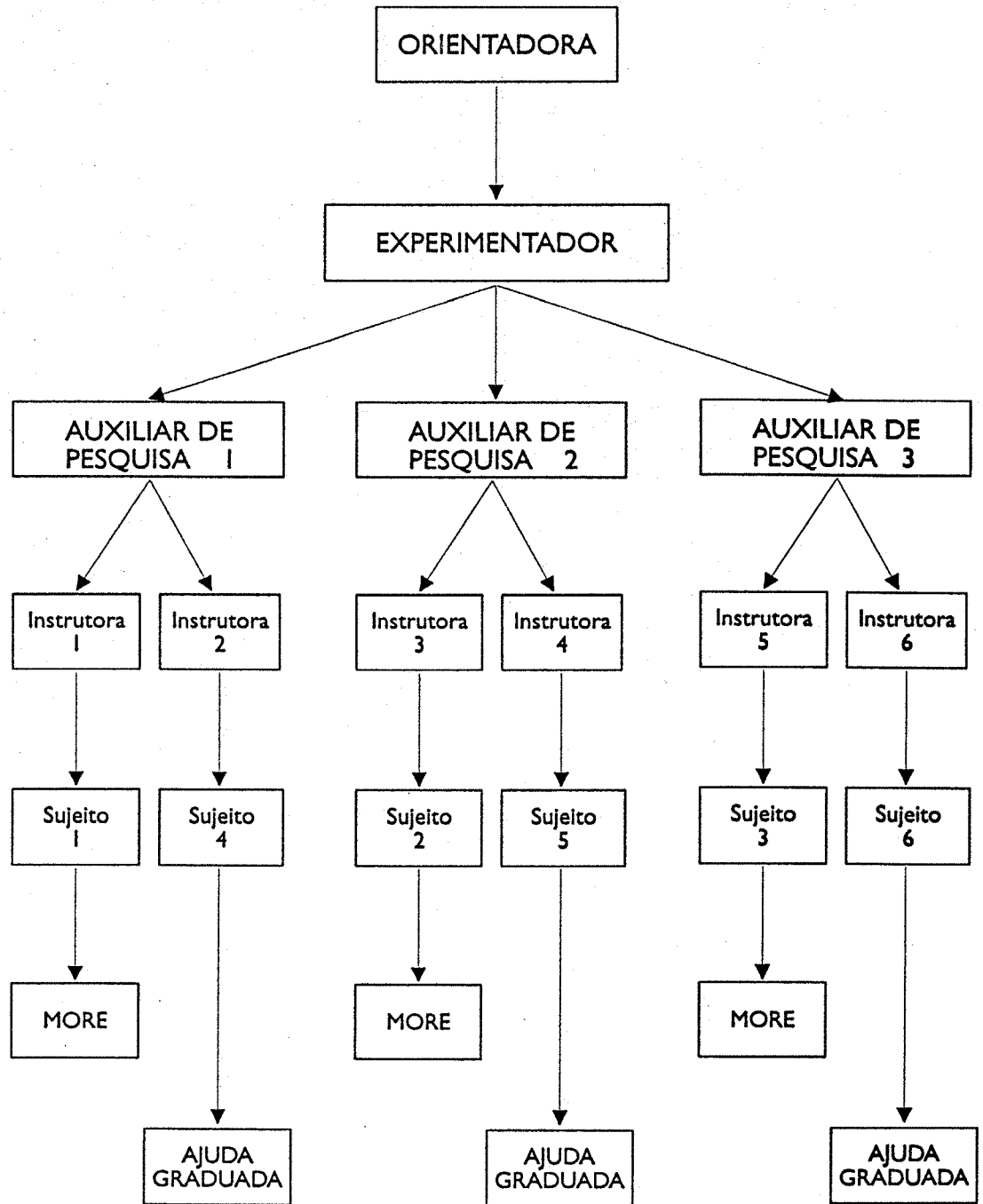
Instrutores: Nove monitores voluntários foram selecionados entre as alunas do terceiro ano de um curso de magistério de segundo grau. Todos apresentavam um bom nível acadêmico em todas as disciplinas e foram divididas em grupos: três atuaram como auxiliares de pesquisa, cabendo-lhes fazer as observações e quantificação dos dados e seis atuaram como instrutoras de seis crianças portadoras de Deficiência Mental cujas idades variavam de seis a nove anos. Três dessas instrutoras foram treinadas para empregar as técnicas do “Projeto More” com três crianças, e as outras três foram treinadas para empregar as técnicas de “ajuda graduada” com outras três crianças, formando assim três díades.

¹ WILLIAMS, L.C.A., ROSSITO, A.L. *Manual de observação para o guia portage de educação pré-escolar*. São Carlos, 1981 (Dissertação de Mestrado — UFSCAR)

² ALMEIDA, M. A.; NUNES, L. M. R.; SHORES, R.; WARREN, S. F. *Tutores adolescentes como mediadores da linguagem para pré-escolares com atraso de desenvolvimento*. Trabalho apresentado na 11a. Convenção Anual da Associação de Análise Comportamental Aplicada, Columbus (Ohio), 24 a 27 de maio de 1985.

³ ALMEIDA, M. A. *Deficientes mentais adultos como mediadores da linguagem para pré-escolares com atraso de desenvolvimento*. Nashville, Tennessee (USA), 1987. (Dissertação de Doutorado — Vanderbilt University).

QUADRO I - Diagrama Humano



Crianças

Participaram deste estudo seis alunos (uma menina e cinco meninos) que freqüentavam uma escola especializada, com idades cronológicas variando de seis a nove anos. Desses seis sujeitos, quatro são portadores de Deficiência Mental; dois não foram diagnosticados como Deficientes Mentais mas apresentam uma grande defasagem de desempenho cognitivo, quando comparados com outras crianças da mesma idade. Os sujeitos foram divididos

em dois grupos; o grupo de crianças menos comprometidas foi treinado através das técnicas de projeto More e o grupo de crianças mais comprometidos foi treinado com as técnicas de Ajuda Graduada.

Ambiente

As sessões foram realizadas numa sala de aula de uma APAE, onde ao fundo foram colocados uma cadeira e um banco para a criança sentar-se e colocar o pé para poder "Amarrar os sapatos".

Procedimentos

Este experimento empregou um delineamento de linha de base múltipla cruzando com sujeitos. ⁴Primeiramente, os experimentadores treinaram as auxiliares de pesquisa através de reuniões de estudo, simulações e distribuição de textos, na montagem da análise de tarefa "amarrar sapatos" (quadro 2), no uso das técnicas do "Projeto More" e "Ajuda Graduada" e em técnicas de observação e registro de comportamentos (quadro 3), e quantificação de dados.

QUADRO 2 - Passos da Análise de Tarefa

- 1° - Coloque o pé direito sobre o banco que está a sua frente;
- 2° - Pegue as duas pontas do cadarço com os dedos polegar e indicador, apoiado com o médio;
- 3° - Cruzar os cadarços e mudar de mão;
- 4° - Passar um cadarço por dentro do outro;
- 5° - Puxar as pontas do cadarço;
- 6° - Fazer uma laçada com cada ponta do cadarço. Segurando com o polegar e o indicador, apoiando com o médio;
- 7° - Cruzar as laçadas;
- 8° - Passar uma laçada por dentro da outra;
- 9° - Puxar as laçadas;
- 10° - Pegue as pontas do cadarço segurando com o polegar e o indicador apoiado com o médio;
- 12° - Cruzar os cadarços e mudar de mão;
- 13° - Passar um cadarço por dentro do outro;
- 14° - Puxar as pontas do cadarço.

⁴ HERSEN, M., BALOW, D. W. *Single case experimental designs: strategies for studying behavior changes*. New York: Pergamon, 1977.

Durante a linha de base, as monitoras apenas receberam uma folha contendo os passos da análise de tarefa e lhes foi pedido que ensinassem as crianças a “amarrar os sapatos” seguindo aqueles passos. Verificada a estabilidade da linha de base, cada monitora, em tempos diferentes, foi treinada individualmente pelos experimentadores e auxiliares de pesquisa na técnica que lhe foi destinada a empregar. O treino inicialmente consistiu na entrega de um texto explicativo sobre a técnica a ser empregada, que foi lido e discutido com a instrutora e depois passou-se a explicar a referida técnica. Por exemplo, ao treinar a técnica “Projeto More”, explicou-se primeiramente à instrutora que ela deveria iniciar a sessão apenas pedindo à criança para “amarrar os sapatos” e esperar para verificar se ela conseguia realizar cada passo independentemente ou sem ajuda. Caso a criança não conseguisse realizar algum passo, a instrutora deveria dar ajuda verbal que consistia em dizer à criança exatamente o que deveria fazer. Se a criança não conseguisse realizar o passo, a instrutora deveria fazer uma demonstração, ou seja, executá-lo enquanto a criança deveria somente observar e depois dar um tempo para que ela o executasse. Se, mesmo após a demonstração, a criança não conseguisse realizar o passo, a instrutora deveria dar ajuda física total, que consistia em guiar fisicamente as mãos da criança. Já no treino da técnica “ajuda graduada”, primeiramente foi dito à instrutora que deveria iniciar a sessão oferecendo ajuda física total à criança, que consistia em guiar fisicamente suas mãos, colocando suas mãos sobre as dela, de maneira a controlar seus movimentos e depois ir desvanecendo essa ajuda através da ajuda física parcial, que consistia em segurar apenas o punho ou cotovelo da criança e sombreado, que consistia apenas em acompanhar as mãos da criança com as próprias mãos como sombra, durante a realização de cada passo da análise de tarefa até que a criança conseguisse desempenhá-lo independentemente. Em ambos os casos, as monitoras foram também treinadas a dar reforço social, sempre que a criança realizasse o passo corretamente. Depois dessa explicação, foram realizadas várias simulações com a instrutora para que ela pudesse praticar a técnica. Semanalmente eram realizadas sessões de estudo com as instrutoras para analisar, discutir e esclarecer os dados, bem como o uso da técnica que estavam empregando. Após cada sessão, os auxiliares de pesquisa faziam o registro dos comportamentos das instrutoras e das crianças.

Fidedignidade

A fidedignidade foi avaliada através da técnica ponto a ponto, estabelecendo-se um critério mínimo de 85% de concordâncias em 25% das sessões de todas as fases experimentais de cada sujeito

RESULTADOS

Instrutoras

Técnica do Projeto More: Como se pode verificar através da figura 1, os dados mostraram que antes do treino as instrutoras usavam mais a ajuda física que a verbal, nunca dando chance para a criança realizar a tarefa sozinha. Com o treinamento, verificou-se que as monitoras passaram a oferecer mais ajuda verbal e menos ajuda física chegando à extinção total de todos os níveis de ajuda ao final do experimento, dando assim a oportunidade à criança de desenvolver a tarefa mais independentemente.

Técnica de “Ajuda Graduada”: Como se pode verificar através da figura 2, os dados demonstraram que em todos os casos, com exceção de uma instrutora, percebeu-se uma caída brusca na frequência de ajuda física, enquanto que houve um aumento no uso de ajuda verbal. Porém, ao final do experimento, os níveis de ajuda foram reduzidos a zero, com exceção de uma instrutora que não pôde concluir o trabalho, uma vez que a criança foi desligada do programa.

Crianças

Técnica do Projeto More: Como se pode observar através da figura 3, durante a fase de linha de base, as crianças não conseguiram ultrapassar a média de 24 pontos. Tão logo a monitora iniciou o emprego das técnicas do “Projeto More”, as crianças apresentaram mudanças rápidas no comportamento, necessitando uma média de 20 sessões para conseguirem alcançar o critério máximo de 56 pontos.

Técnica Ajuda Graduada: Como se pode observar através da figura 4, o efeito do emprego da Técnica de “Ajuda Graduada” com um segundo grupo de crianças não foi muito diferente daquele encontrado na técnica anterior, ou seja, durante a linha de base, as crianças não conseguiram ultrapassar mais do que 56 pontos. No entanto, tão logo as monitoras iniciaram o uso das técnicas de ajuda graduada, cada qual apresentou uma mudança rápida de comportamento, necessitando de um média de 30 sessões para alcançar o critério máximo de 56 pontos, o que era esperado, uma vez que esse grupo de sujeitos apresentava um comprometimento maior em termos de deficiência.

DISCUSSÃO

O objetivo principal do presente estudo era treinar alunos do terceiro ano do curso de magistério de segundo grau, num sistema de monitoria, para ensinar deficientes mentais a amarrar cadarço de sapato, usando uma das

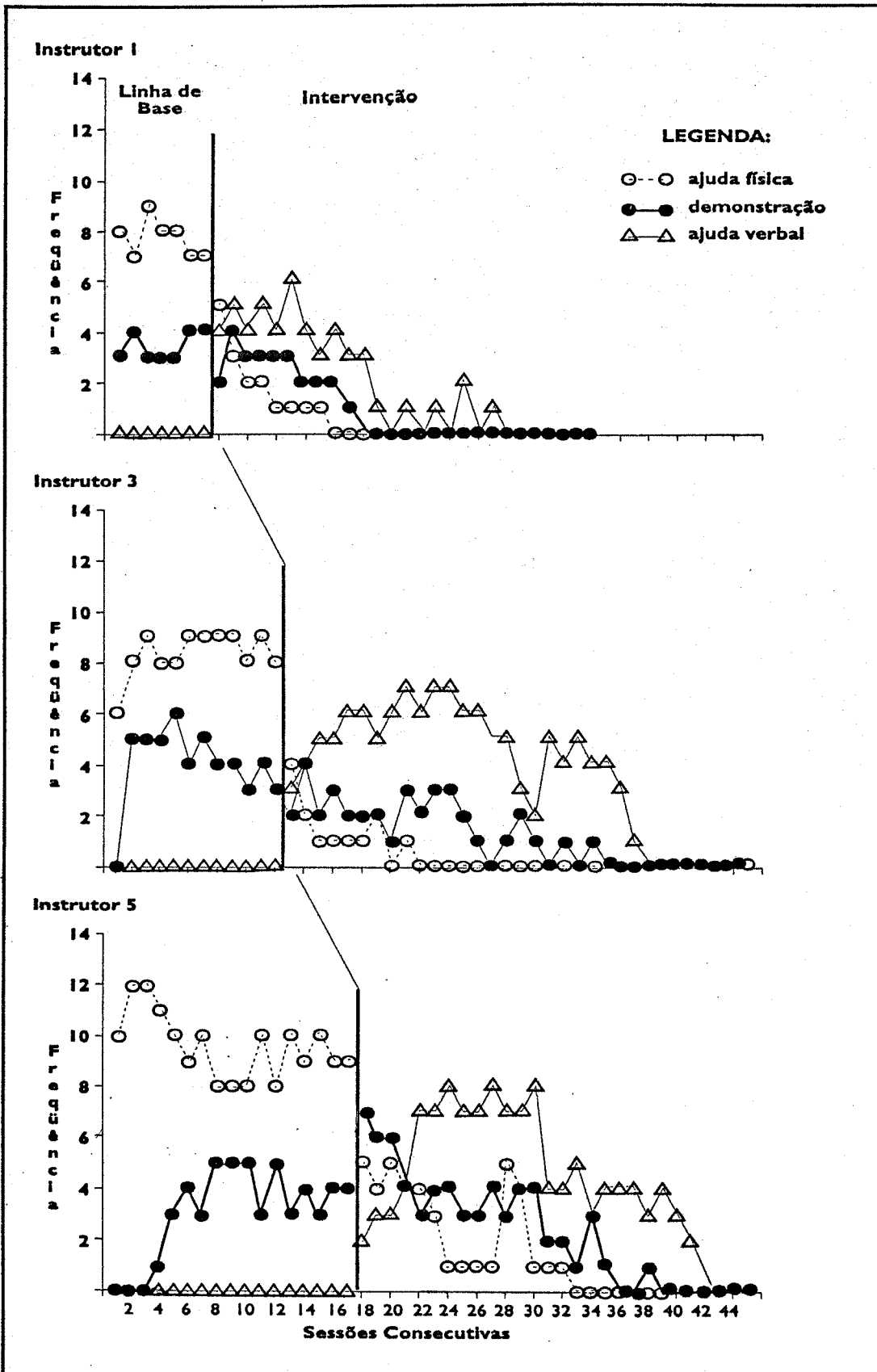


FIGURA I. Frequência de ajuda física total, parcial e demonstração fornecido pelas instrutoras as crianças durante o emprego das técnicas do “Projeto More” em cada fase experimental.

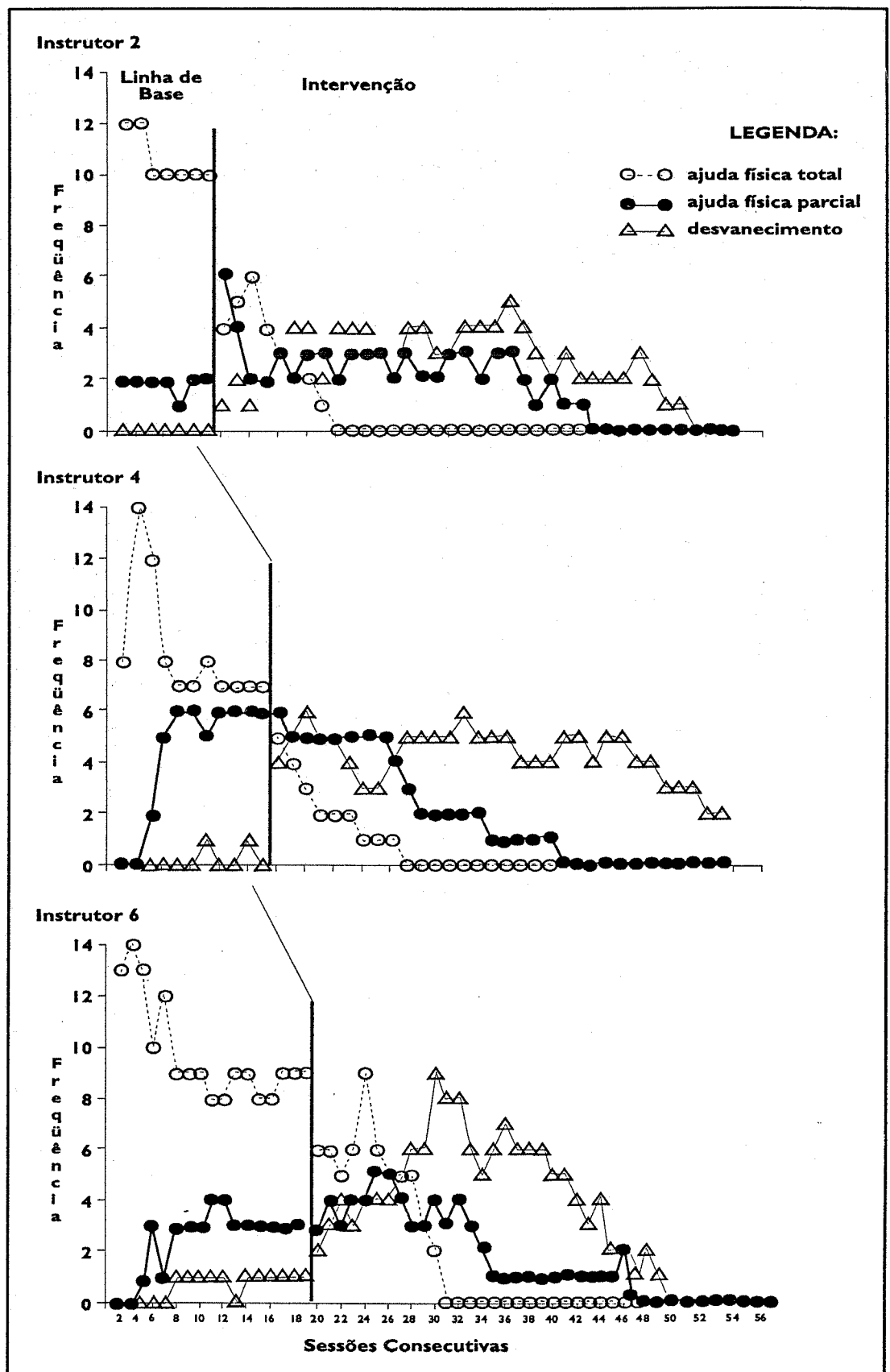


FIGURA 2. Frequência de ajuda física total, parcial e desvanecimento fornecido pelas instrutoras as crianças, durante o emprego das técnicas de “Ajuda graduada” em cada fase experimental.

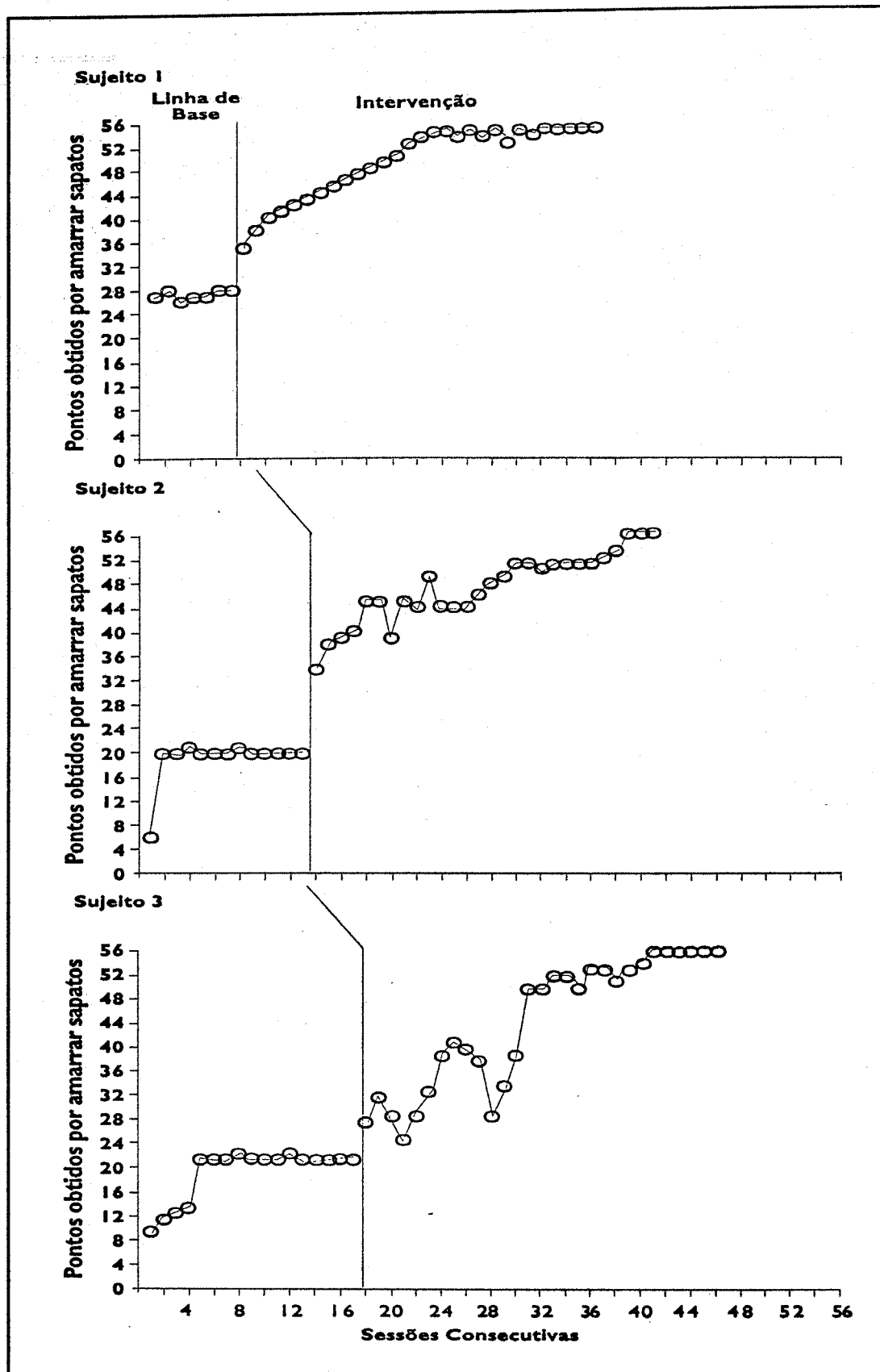


FIGURA 3. Número de pontos obtidos no desempenho de “amarrar sapatos” no grupo que usou as técnicas do “Projeto More”

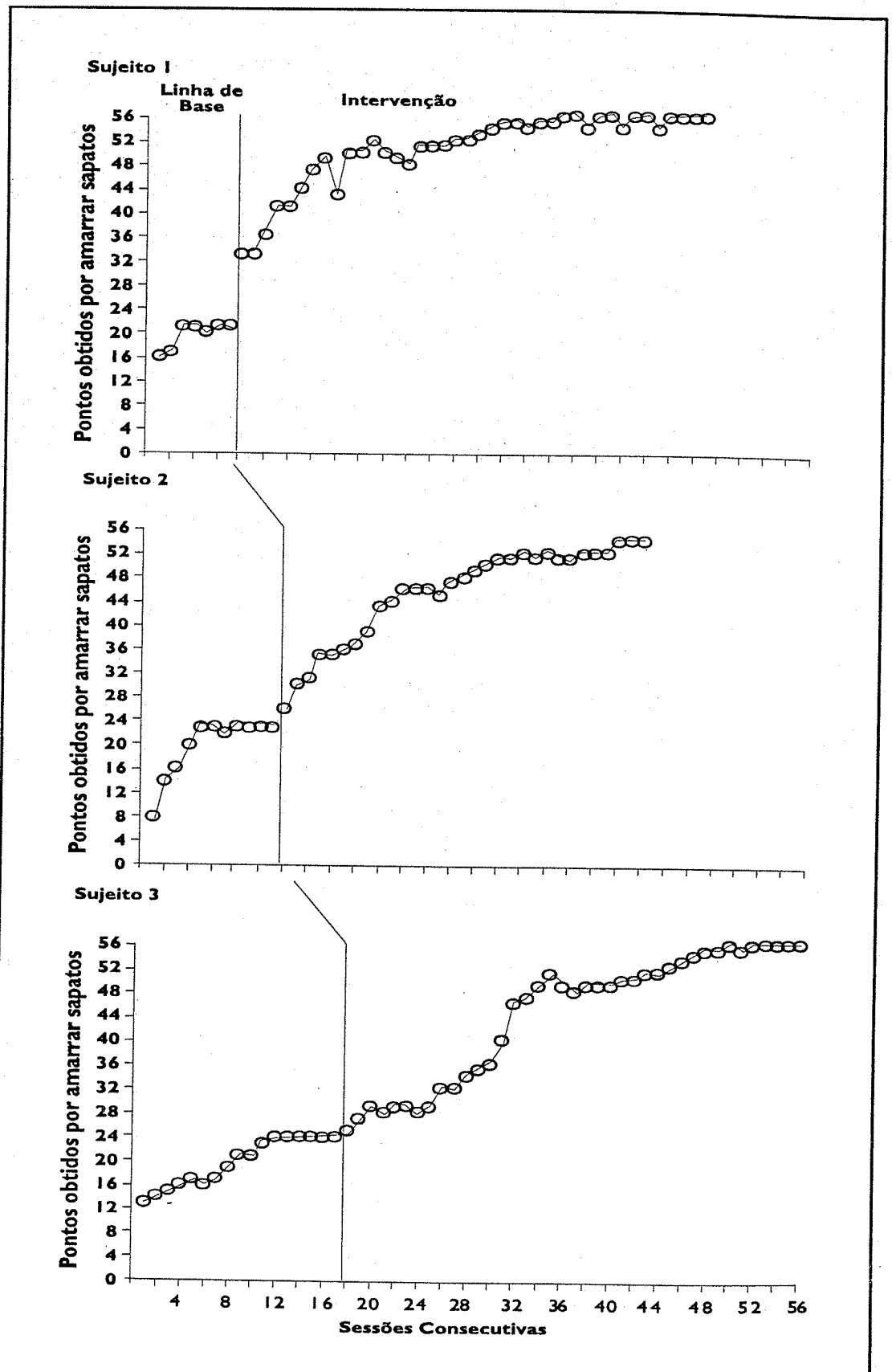


FIGURA 4. Número de pontos obtidos no desempenho de “amarrar sapatos” no grupo que usou as técnicas de “Ajuda Graduada”

técnicas: Projeto More ou Ajuda Graduada. Como objetivo secundário, este trabalho pretendeu dar oportunidade para que os alunos do magistério e que fazem a disciplina Educação Especial tomassem conhecimento do trabalho desenvolvido numa escola especial e que pudessem empregar na prática os conhecimentos que estavam sendo adquiridos na teoria.

Os resultados confirmam o que a literatura apresenta,⁵ ao deixar claro que voluntários bem treinados podem desenvolver um bom trabalho, principalmente no treino de habilidades de vida diária com crianças portadoras de deficiência mental. Os resultados também evidenciam uma certa tendência de as pessoas não ligadas à Educação Especial acharem que é necessário fazer as tarefas para o deficiente mental ao invés de dar-lhes a oportunidade para realizá-las independentemente.

Como pontos fortes na implementação das técnicas pelas monitoras, podemos apontar: a facilidade com que as mesmas assimilaram as técnicas através do treinamento e a assiduidade e boa vontade das mesmas foram muito importantes para o êxito do trabalho.

Alguns benefícios que as monitoras apontaram em decorrência do treinamento foram:

(a) a oportunidade de verificar na prática o que estavam tendo na teoria durante as aulas da disciplina "Educação Especial", na escola de segundo grau e,

(b) a melhor se definirem quanto à escolha profissional, visto que uma delas decidiu estudar Serviço Social, outra, Fonoaudiologia e três fizeram o curso de Estudos Adicionais, na área de Deficiência Mental, estando no momento trabalhando como professoras na APAE.

O treinamento também teve conseqüências muito positivas nas crianças envolvidas no estudo, pois não só aprenderam a "amarrar o cadarço do sapato", habilidade de suma importância para elas, uma vez que todas só usavam tênis, como também o treino dessa habilidade fez com que exercitassem outras habilidades, como: coordenação motora fina, atenção, capacidade para seguir determinadas regras e seqüências.

Com isso, esse estudo veio também responder de forma muito favorável às sugestões de Procotte (1981) na inclusão da disciplina "Educação Especial" nos cursos de Magistério a níveis tanto de segundo como de terceiro graus,⁶ bem como permitiu que a disciplina "Educação Especial" não ficasse só na teoria, mas ofereceu oportunidade aos alunos de colocarem na prática o que estavam tendo na teoria, conforme postulam os mestres da didática⁷.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, M. A.; NUNES, L. M. R.; SHORES, R.; WARREN, S. F. *Tutores adolescentes como mediadores da linguagem para pré-escolares com atraso de desenvolvimento*. Trabalho apresentado na

⁵ WILLIAMS e ROSSITO; ALMEIDA, NUNES, SHORES, WARREN; ALMEIDA, *op. cit.*

⁶ PROCOTTE, A. *Proposta curricular para sensibilização de alunos de curso de Magistério a nível de 2º grau, em relação à crianças excepcionais, 1981*. (Dissertação de Mestrado — Universidade Federal do Paraná).

⁷ NERICI, I. G. *Didática geral dinâmica*. São Paulo: Científica, 1973; DELLA TORRE, M. B. L. *Caderno de orientação de estágios, habilitação específica de 2º grau*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

- 11a. Convenção Anual da Associação de Análise Comportamental Aplicada, Columbus (Ohio), 24 a 27 de maio de 1985.
2. ALMEIDA, M. A. *Deficientes mentais adultos como mediadores da linguagem para pré-escolares com atraso de desenvolvimento*. Nashville, 1987. (Dissertação de Doutorado — Vanderbilt University).
3. DELLA TORRE, M. B. L. *Caderno de orientação de estágios, habilitação específica de 2º grau*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
4. HERSEN, M., BALOW, D. W. *Single case experimental designs: strategies for studying behavior changes*. New York: Pergamon, 1977.
5. NERICI, I. G. *Didática geral dinâmica*. São Paulo: Científica, 1973.
6. PROCOTTE, A. *Proposta curricular para sensibilização de alunos de curso de Magistério a nível de 2º grau, em relação à crianças excepcionais*. Curitiba, 1981. (Dissertação de Mestrado — Universidade Federal do Paraná)
7. WILLIAMS, L. C. A., ROSSITO, A. L. *Manual de observação para o Guia Portage de educação pré-escolar*. São Carlos, 1981 (Dissertação de Mestrado — UFSCAR)